**Carolina Gonzalez - Estratégias de O&M ao trabalhar com alunos com surdocegueira (tradução - Martina Olga Schmidt)**

**Carolina Gonzalez** [00:00:03]Olá, meu nome é Carolina Gonzalez e sou especialista certificada em orientação e mobilidade e trabalho na Escola Texas para Cegos. Estou muito animada por estar neste simpósio, e por compartilhar minha experiência do trabalho com alunos com deficiência visual na orientação e mobilidade. Na minha apresentação vou começar mostrando a vocês vários vídeos dos meus alunos na escola para cegos e na escola para surdos aqui em Austin, Texas. Eu gostaria de contextualizar de quem estamos falando e quais são as coisas que eu gosto de compartilhar com vocês e trabalhar com alunos em orientação e mobilidade.

[00:00:51] O primeiro vídeo que vou mostrar a vocês é sobre - é uma progressão dos alunos que vou mostrar a vocês. O nome dela é Yesdy e teremos situações que ela enfrentou ao longo dos anos aprendendo habilidades de orientação e mobilidade. Vou compartilhar minha tela. E terei - os vídeos não têm nenhum som de propósito - Vou descrever o que temos neles

[00:01:32] Esta é Yesdy. Quando ela era bem pequena, uma das minhas rotinas com ela era fazer o café da manhã na escola. Yesdy é surda e tem deficiência visual. Ela nasceu prematura. Ela se comunica lindamente, mas não tem muitos sinais. Mas ela - você verá que ela aprende - ela está aprendendo isso. Estamos fazendo waffles e mostrando a ela que precisamos colocar a cobertura: a manteiga de amendoim. Ela gosta de manteiga de amendoim com seus waffles. Ela está olhando para o frasco e estou mostrando como virar a tampa para fechá-lo. E ela faz. Então eu a elogio. OK isso finalizou e colocamos o frasco na caixa de finalização. Eu digo a ela que estou cortando e ela sinaliza: Corte. Ela está tocando meu braço e é como: se apresse, se apresse. E eu digo: “Sim, estou fazendo waffles”. E ela está dizendo: “corte, corte”. Ela sabe que eu vou cortar. Desta forma, estamos construindo nosso relacionamento, para que eu poder me comunicar com ela e ela poder se comunicar comigo. Aí está ela um pouco mais velha e vamos caminhar para o refeitório. Ela tem seu calendário lá com algumas fotos. Estou perguntando onde estão os óculos dela. Uma grande coisa que eu sempre quis ensinar a ela foi como usar seus óculos de sol ao ar livre. Ela está usando um dispositivo de mobilidade adaptável feito de PVC. Neste momento, ela era bastante independente usando o dispositivo e muito orgulhosa de andar pelo corredor. O dispositivo tem algumas rodas. É como um grande retângulo com as rodas na parte inferior. Ela realmente gosta desse feedback enquanto caminha. Ela está muito curiosa, sobre as pessoas que estão fazendo o vídeo. É como “oh”. Vamos colocar seus óculos. Ela coloca os óculos. Demorou anos para ela aceitar os óculos. Ela é muito fotofóbica. É por isso que queríamos incentivá-la a usar óculos escuros ao ar livre. Ela usa sua bengala e eu falo sobre-- vou pausar o vídeo por um segundo-- e falo aqui sobre cruzamentos de ruas. É muito importante. No início eu pensava: “Eu quero que eles vejam como procurar por carros.” Este é um campus - um campus de escola - não uma rua na comunidade, mas obviamente temos muitos carros passando. A principal coisa para meus alunos com cegueira - com surdez e com cegueira - é primeiro reconhecer que há uma mudança para chegar à rua e depois que eles precisam parar. Isso é a coisa principal: como parar. Eu faço isso olhando ao redor e ela tem que esperar e tudo mais. Isso requer muita prática. Eu digo a ela que está tudo bem. Paramos. Vou esperar e fico olhando para um lado e para o outro. Eu realmente queria que ela olhasse e apontasse: "Oh, havia um carro bem ali." Eu queria que ela percebesse que havia algo ali. É por isso que paramos. No final o conceito principal é: pararmos e esperarmos. Ela disse: "OK, vamos andando. Vamos andando." E eu disse: "Não há nada. Não há carros chegando." E ela disse: "Vamos. Deixe-me ir."Ela é muito boa - complacente - sobre esperar até que seja a hora de ir. Ela está verificando o meio-fio. O que é ótimo para explorar usando sua bengala também. Mas ela ainda está esperando. E eu dou a ela o sinal de que é seguro e depois vamos.

Como você pode ver, ela podia fazer todo tipo de pequenas coisas ao longo do caminho. E então atravessar a rua - a rua do campus - e ela continua caminhando. Também praticamos escadas usando o aparelho. No começo ela parecia muito que precisava de muito apoio para as escadas. Mas, à medida que ficava mais confiante e mais velha, ela conseguia subir as escadas sozinha.

Vou acelerar um pouco. Nós vamos pegar alguns chips ou doces na máquina. Trabalhando em conceitos de dinheiro e o que você precisa fazer com o dinheiro e onde colocá-lo. Estou acelerando um pouco porque não temos muito tempo. De qualquer maneira, nós tínhamos uma ótima rotina. Ela usava sua bengala para chegar a este lugar. Ela mudou muito rápido para uma bengala normal. E demorou cerca de um ou dois anos para ela começar a usar a bengala. Esta é realmente uma das primeiras vezes que introduzi uma bengala. A beleza de ela ver outros alunos com uma bengala, foi muito legal ela ter se familiarizado com isso. As pessoas usam bengalas para se locomover e na escola ela tinha muitos colegas que tinham isso. Meu ajudante teve dificuldade com a porta. Mas subindo - e no começo ela fazia coisas com uma bengala que era como, "Oh, vamos manter a bengala no chão. Nós mantemos a bengala no chão." E eu usando uma bengala com ela, também dou dicas de como usamos a bengala corretamente. Ela não gosta muito de ter as mãos tocadas ou manipuladas, como qualquer pessoa, obviamente. Por eu ter a bengala ao lado dela, ela viu que a usamos. E isso é, mais adiante, meses à frente. Ela conseguiu usar a bengala ao longo do dia para chegar a diferentes lugares do campus. Ela está muito orgulhosa e feliz. Ela está caminhando por lá e, uma coisa que eu quero apontar aqui: ao usar a bengala dela - com todos os meus alunos - eu tento dar a eles a bengala e ver como eles a usam de uma maneira natural. E então gentilmente dar forma, para ter certeza de que é seguro para eles usarem. Eu tento usar a técnica perfeita dos braços centrados e tal. De modo a que eles usem na frente e estejam protegidos. Eu estou bem com isso. Mesmo segurando a bengala na lateral, como ao lado do corpo em vez de na frente, como eu disse, na linha do meio, porque – “quando a bengala ficar presa, realmente pode doer, quer dizer, não é confortável se ficar preso e depois empurrar a barriga.” É por isso que ela está usando a bengala relativamente bem com a mão na lateral do seu corpo. Como bem ali, na lateral em oposição aos braços centralizados e, lá vai ela e encontra sua sala de aula. Muito independente. Nós também - antes que o vírus nos atingiu - íamos à loja. Esta é uma loja de segunda mão onde eles tinham muitas coisas usadas. Nós íamos às compras e ela podia escolher algo que ela queria comprar. Ela queria particularmente algum brinquedo específico ou algo assim. Mas o principal é: "OK, vamos ficar juntos. Pegamos nas coisas que temos aqui.” Nós também vamos - costumávamos ir - a uma padaria e ela - com ajuda - comprava normalmente brownies. Brownies de chocolate. E nós amávamos isso. É realmente incrível ver o progresso dela ao longo dos anos e como independente ela poderia ser. Comendo também seus brownies, que ela realmente gosta, ela disse: "OK, acabou a loja, vamos limpar e depois vamos embora." A sinalização dela realmente melhorou em relação à antes.

[00:11:16] Vamos passar para outro aluno aqui. Bem, espere um minuto. Isso também é Yesdy. Vou parar com isso por um segundo, para que vocês possam ver melhor. Isso também é Yesdy. Semana passada em uma caminhada no bairro dela. E, fazendo minhas aulas com ela agora, não na escola, porque ela está aprendendo a distância. Estamos na vizinhança e eu vou até a casa dela. Encontro-a do lado de fora de casa e andamos pela vizinhança. Você pode ver como ela parece confiante e independente. Esta é a última parte do percurso que estamos fazendo e estamos chegando perto de uma curva que a leva até sua casa. Ela está com a máscara e os óculos escuros. Você pode notar a bengala também ali do lado. Outra coisa que quero ressaltar sobre a bengala, é que dei a ela uma bengala mais curta do que a normal. Normalmente, medimos a bengala do peito - mais perto do queixo - para baixo, para dar espaço suficiente para uma reação quando a bengala localizar algo. Mas, neste caso, é quase como se eu descobrisse que: Quando os alunos estão aprendendo apenas a usar uma bengala essa distância entre onde eles sentem algo e onde encontram um objeto é realmente estranho. No caso há uma boa visão residual. Eu dei a ela uma bengala mais curta, porque era muito difícil para ela entender."OK. Bem, eu sinto isso, mas não está lá." E, também, às vezes, ela deixava a bengala muito longe do lado, ou tropeçava nas pessoas. Dei a ela uma não muito curta, mas com o tamanho necessário. Digamos, 48 polegadas (120cm). Dei a ela uma de 44 polegadas. (111 cm). Uns dez centímetros a menos. Ela encontrou a curva com independência, sem eu apontar ou lembrá-la. Ela iria para sua casa.

[00:13:54] nosso próximo aluno é Orion. Isso foi quando ele era bem pequeno, provavelmente com quatro anos. Orion é completamente surdo e cego. Ele tem uma síndrome. Ele também estudou na escola para surdos e depois na escola para cegos. Mas aqui, vamos ver que ele ainda está aprendendo a prática de como andar. Ele - por muitos, muitos anos - ele não tolerou sapatos. Sempre que pudermos satisfazer aos alunos, obviamente faremos isso. Mas, vamos incentivá-lo a usar meias e sapatos. Mas, ele não faria isso e, em vez de deixá-lo com muita raiva, lidamos com isso. Aqui ele precisa de muito apoio para manter o corpo e andar. Esse é a professora dele e eles estão fazendo uma ida curta do carrinho para a sala de aula. Você pode ver que ele precisava de muito apoio físico e trabalho para manter a cabeça erguida. Mas ele estava realmente contente e ajudando um pouco, mantendo seu corpo e movendo-se ao redor da parede e na borda da porta. Ele realmente preferia que as pessoas estivessem atrás dele ao caminhar, para ter todo o apoio de que precisava. Mas quero acelerar isso um pouco. Aqui está Orion, muito mais velho em uma cadeira de rodas. E nós usamos a cadeira de rodas apenas para ir - para ir do ônibus até a sala de aula. Ele estava ficando mais pesado e mais velho para carregá-lo, obviamente. Andar era muito difícil se ele não tivesse apoio suficiente. Além disso, quero destacar aqui outra pequena habilidade importante - se você tem alunos que usam uma cadeira de rodas tente realmente envolvê-los tanto quanto possível quando eles estão se movendo pelo ambiente. Nesse caso, você o incentiva a seguir minha mão para localizar qualquer uma das coisas pelas quais estamos passando: como o botão para abrir a porta ou a borda da porta quando está aberta e tudo mais. Entramos no prédio e estou dando algumas pistas com a mão e que estamos virando. Vou fazer com que ele siga pela parede ao longo do caminho, levando a mão à parede e empurrando a cadeira de rodas lentamente. Você pode ver que ele tem lindas habilidades ali, mantendo a mão. E eu digo a ele: "Oh, há uma porta ali, e uma porta que está aberta." e passamos pela porta. Ele está seguindo a parede. Ele está aprendendo sobre seu ambiente e tudo mais usando a trilha ao longo do caminho.

Eu só o toco se ele souber que precisa alcançar a parede e encontrar isso. Aqui estou apontando o canto da parede e depois seguimos em frente. Tento esticar seu braço e encontrar a parede ali no lado. Ele não está muito feliz com seus sapatos e meias, e ele diz: "Eu quero tirar minhas meias". OK, tudo bem, podemos tirar essas meias nessa caminhada.

Ele estava ficando um pouco mais velho e ele tem alguns sapatos e alguns suspensórios para começar a andar. Estou encorajando-o a sair da cadeira e caminhar para chegar à sala de aula. Ele ainda está entrando no prédio usando a cadeira de rodas do ônibus. Uma vez que entramos no prédio, estacionamos a cadeira em uma sala específica longe de sua sala de aula e então eu vou encorajá-lo a caminhar até a sua sala. Usei a parede e a mesma coisa para ele trilhar ao longo do caminho. Ajeitei as calças porque isso é importante. Você pode ver que ele tem muito mais estabilidade seguindo e andando. Esta é a mesma parede que costumávamos seguir usando sua cadeira de rodas. Mas agora ele está caminhando, usando o apoio da parede e o meu apoio. Cruzamos aquele corredor, seguimos em frente e encontramos a parede.

Vou acelerar isso um pouco mais.

Há um ponto de referência tátil que tentamos explorar às vezes. Às vezes ele está mais interessado em sentir do que outras vezes. Ele continua seguindo a parede e pode demorar um pouco mais.Aqui está, ele em um outro momento andando. Ele não estava usando os sapatos. “Mas temos que nos comprometer, ok? Nós realmente precisamos caminhar. "Eu não quero usar os sapatos." Ok. Acho que podemos fazer isso. “Ele quer ser feliz e quer brincar e pular ou às vezes ele quer sentar no chão e temos que esperar. Nesta parte eu quero ter em mente o comportamento do aluno, às vezes você tem que escolher suas batalhas. Ele quer que eu esteja atrás dele, mas na verdade ele está se movendo um pouco enquanto anda. E eu estou mostrando algumas marcações ao longo do caminho, então ele decide que vai se sentar. Uma caminhada que normalmente leva cerca de 30 segundos para chegar a um lugar, pode demorar 20 minutos. E de novo, este é outro dia e estamos fazendo o mesmo caminho para chegar à sala de aula. Como você pode ver, ele precisava de um pouco menos de apoio. Aí está o canto da parede e ele sabe ficar com a parede ao longo do caminho. Agora ele está se movendo muito bem e indo um pouco mais rápido e sabendo: "Oh, há uma abertura." Ele está usando seus sapatos. Estou lhe dizendo, ele é um cara bonito. Ele é um cara bonito. Chegando mais perto dele - e você pode ver o longo corredor virando a esquina ali. Quando ele estava fazendo esta rota, como eu disse, isso pode levar 20 minutos do que apenas andando em linha reta pode levar 30 segundos. E aí está a marca de sua sala de aula. Colocamos algo diferente na porta para ele reconhecer que é aí que ele entra. Ele conseguiu e está feliz. Este é um dia que ele estava explorando esta outra marcação e - espere - e ele realmente se levantou sozinho - eu não estava tocando nele e ele apenas estava tocando a parede. Felizmente, havia alguém ao longo do caminho que nos viu. Então ele diz, "Oh, isso é demais."Outras coisas para as quais fazemos obviamente algo divertido também no parquinho. Vamos muito ao playground e o deixamos explorar, e, ter experiências diferentes com coisas diferentes que estão lá no playground. Ele realmente gostou do escorregador. Não muito alto e escorregando para baixo. Fazemos isso juntos, mas apenas sentar e explorar este escorregador. E ele - é um lugar seguro onde ele pode se levantar, se afastar e quando ele quer descer ele consegue descer. Outra coisa que fizemos foi tocar em alguns arbustos que ele sentiu - que cheiram. Acho que isso é tomilho ou alecrim, alecrim. Pego um pouco na minha mão. Ele realmente gosta de sentir com as mãos muitos detalhes e coisas assim. Ele agarrou. Eu estava oferecendo a ele também para sentir o cheiro, porque este arbusto, em particular, tem um cheiro muito bom e forte que eu queria que ele sentisse. Em seu próprio ritmo, ele agarrou algumas das coisas. Ele vai enrugar o nariz, pensando - ele leva minha mão até o nariz, para que ele possa sentir o cheiro. Esta é uma pequena cena que eu fiz na sala de aula não muito tempo atrás, onde ele está realmente explorando em volta com seu professor. Andando por aí e vendo o que eles têm lá. Às vezes ele fica meio inquieto na sala de aula. É como, "Aggggh!". Ele sai por aí, tipo, "OK, há algo que você deseja encontrar?" Coisas que ele tem naquele momento que não quer. Ele pode decidir o que fazer ou o que encontrar ao longo do caminho. Vocês podem ver o quão alto ele é. Ele está se movendo muito bem. Olhe para aquela mão se estendendo em direção a uma parede ou algo que ele possa tocar e saber onde ele está ou sentir isso neste espaço. Esse é um pequeno tipo de comportamento que ele tem quando está um pouco estressado. Ele empurra a boca com o dedo. Ele queria sentir a parede e ficar parado ali. Esta sou eu, caminhando com ele de volta da sala de aula para encontrar sua mãe. Ela veio buscá-lo. Nós temos - estamos usando - eu diria que esta é uma técnica de guia modificada: onde eu seguro a mão dele para apoio, mas também mantenho meu braço abaixado para que ele possa caminhar. Estou dando a ele - tipo levantando - meu braço para apoiá-lo. E ele realmente vai ficar comigo. Vou mostrar a ele e dizer: "Sua mãe está aí. Ela está com o carro." Eu sinalizei isso para ele. Para onde estamos indo. E eu aponto - apontando - é uma das coisas maravilhosas a se fazer. Coisas importantes para fazer com todas as crianças: apontar é como dar uma direção de onde as coisas estão. "Nós vamos fazer uma curva ou vamos na frente ou vamos para o lado que você precisa ir." Continue dobrando a esquina aqui. E eu também, sempre que possível, procuro mostrar a ele coisas que podem estar por aí no ambiente, como esses arbustos aqui que podem servir de marcação para isso.

[00:28:02] Este é Mason. Mason é um menino - não mais, ele está mais velho agora. Ele é surdo. Ele tem uma deficiência visual próxima ao albinismo. Ele tem uma síndrome e é autista. Ele se comunica, mas ele não tem muita linguagem de sinais por si só, mas ele tem maneiras realmente boas de se comunicar. Meu principal objetivo era trabalhar a consciência de seu ambiente. Ele prestará atenção em muitas coisas que não são o que consideramos importantes quando você estiver se deslocando. Ele gosta de folhas, gosta de flores, gosta de rachaduras na calçada. Ele vai andar e não vai querer pisar nas rachaduras. Mas eu estava pensando: "OK, precisamos olhar os carros e curvas e lembrar as rotas" e todo esse tipo de coisa. Então, ao longo dos anos, isso é meio - algumas fotos dele. Você sabe, andando por aí comigo. Minhas aulas eram como, "OK, vamos explorar o campus e ver quais coisas estão lá fora nas quais você está interessado. Mais uma vez, para construir um relacionamento, que ele confiasse em mim - nisso poderíamos nos divertir juntos. Ele iria encontrar, como eu disse, folhas ou coisas. Eu disse, "OK, bem, o que é isso?" Estou mostrando a ele alguns sinais ou coisas que podem ser interessantes para ele. Hidrantes "Não sei o que é isso" e fazer com que ele fique mais atento às coisas que estão por aí que ele pode querer saber. E então ele fica: "Oh, o que vou fazer? Eu poderia abrir isto." Do outro lado estou fazendo este vídeo e estou tentando sinalizar para ele o que pode estar relacionado a este hidrante. Veja como ele está olhando para vários pequenos detalhes neste objeto que ele encontrou. Nós nos divertimos muito explorando todo o campus até que eu me sentisse confortável que ele e eu pudéssemos nos comunicar e que então poderia começar a levá-lo para a comunidade. Isso ainda está no campus da escola. Basicamente eu o deixei ir e ver o que ele queria fazer. Ele era uma espécie de líder nas coisas que queria fazer na aula. Agora estamos aqui fora, perto do campus da escola e estou ensinando. "Ok, estamos andando pela calçada e temos que parar e olhar”. ''OK, vou fazer isso. Vou parar e vou olhar." Ele está movendo sua cabeça para frente e para trás e sinalizando, olhando e nada e indo. Ele era tão rotineiro e "OK, tudo bem, faremos isso”. Pare e passar por esse processo de olhar ao longo do caminho. “OK, olhe” E ele disse que é seguro. A principal coisa que eu queria é que ele reconhecesse, como eu disse antes, reconhecer quando há uma rua ou quando há uma entrada para carros. Costumávamos fazer esse percurso muitas vezes para chegar ao posto de gasolina para comprar uns biscoitos. E ao longo do caminho, eu gostaria – “oh, ele pararia, nós olhamos, nós verificamos''. 90% do tempo ele só ia querer ir direto. Desta vez, ele parou e a partir daí foi como um avanço. Ele faria isso cada vez com mais frequência ao longo das aulas. E ele - ele ainda está olhando e passando por emoções e dizendo e fazendo o que deve agora. Você pode ver que ele está mais velho. Ele está indo junto. Ele está muito animado porque nós tínhamos três lugares diferentes na comunidade para onde ele queria ir. Ele vai escolher para onde queria ir. Ele está no campus da escola e ele realmente parou - então ele está começando a mover todo o seu corpo e rosto. E eu, "Ok, Mason, espere um segundo. Você realmente precisa olhar." Agora ele está realmente querendo olhar para atravessar a rua e sair na comunidade para pegar seu biscoito. Aqui parecia que uma - a calçada - estava bloqueada. E isso foi muito legal porque era algo diferente. "O que eu vou fazer? Devo apenas olhar e atravessar aqui?” E eu disse, “Não, nós vamos contornar a cerca”. E então ele está apontando: “há algo atrás de mim!” E eu estou olhando: "Oh, o que é isso? Oh, isso foi - " Ele está sendo cuidadoso comigo, como dizer que há algo aí que está por vir. Foi muito legal quando ele fez isso. Agora ele está realmente prestando mais atenção. E eu sei disso - esta é uma situação, mas eram carros entrando, entrando na garagem que ele realmente olharia e pararia para antes atravessar. Aqui estou eu torcendo para que ele pare neste caminho - e ele parou. Ele realmente olhou para os dois lados. É como, "Não, nada. Nós iremos. "E entre outra entrada de carros e ele parou sozinho. Isso foi muito legal.

[00:34:14] Estou olhando para o meu tempo aqui. Vamos seguir para Lucianna. Lucianna também - ela tem a Síndrome de CHARGE. Ela tem um pouco de audição e nenhuma visão. E então fizemos - para aprender a trabalhar juntos - e para que ela me conhecesse - fizemos uma rotina de ioga. E isso é apenas parte da rotina que fizemos juntos. Respiração. Eu tinha algumas músicas e ela tem um aparelho auditivo. Mais tarde - não neste vídeo - mas cerca de um ano depois, ela fez um implante coclear. Então, fizemos nossa rotina de ioga. E eu só quero mostrar um pouco - vou acelerar aqui - para mostrar quando andamos juntas e ela está usando sua bengala. A rotina de ioga realmente demorava pelo menos 30 minutos para fazer. E essa foi uma maneira maravilhosa para nós, como eu disse, nos conhecermos e nos divertirmos juntos antes de esperar que ela aprendesse todas essas outras coisas com sua bengala e tudo mais. Então aqui nós, - aqui está uma pequena situação de comportamento - se você quiser chamar assim. Vou encontrá-la e ela precisa calçar os sapatos. Ela não quer calçar os sapatos. E nós vamos andar daquele quartinho para - e ela está usando a cabeça - e ela está jogando a meia. Ela fica dizendo: "Eu não quero fazer isso." Eu digo, "OK, fique de novo. Olha, nós vamos para a academia." Este é o símbolo dela para o ginásio. Não posso deixar de enfatizar o quão importante é ter esse tipo de comunicação usando um sistema de calendário, usando símbolos para comunicar o que vamos fazer, para onde iremos. Isso é uma bola, que é um símbolo de ir para a educação física. Ela adora fazer educação física. Enfim, ou ela está contente com a bola ou entendendo que vamos para a educação física. Ainda estou trabalhando nela calçando as meias e os sapatos. Ela está um pouco mais dócil, mas isso leva tempo. Leva tempo. Eu não vou apenas apressá-la. Ela está até ajudando a calçar os sapatos - quero dizer, as meias e seguir em frente. Pode ter levado grande parte da aula para conseguir colocar seus sapatos e meias e tudo mais, mas tudo bem. Isso é o que precisava acontecer. Ela tem sua bengala e é bastante independente com sua bengala e seguindo na parede. Eu queria mostrar para vocês - estou segurando a bengala em vez de colocar minha mão na mão dela, para ajudar ou colocar a bengala onde ela precisa para usá-la corretamente. Olhe para minha mão. Estou segurando a bengala e não a mão dela. Às vezes seguro o elástico para estimulá-la de uma maneira diferente. Ela está caminhando. Não aprendeu ainda como parar ou reagir quando a bengala encontra algo na frente dela então ...eu estou segurando o elástico da bengala para dar mais liberdade a ela, mas ao mesmo tempo, me certificar de que ela esteja a bengala no lugar certo para que ela possa sentir - e ela está usando – seguindo-a manualmente. Eu quero que a bengala sinta a parede ali, ela pode ter isso como uma diretriz também. A pequena Lucianna. Andar pelo corredor para chegar - e estender a mão sempre que houver uma grande abertura para antecipar o canto da parede. Há um canto da parede de novo, mas ela realmente não entende ou reage quando algo está na frente dela com a bengala. Tento não tocar muito nela, mas muito de leve e não de maneira intrusiva quando ela está se movendo. Ela também ajuda a colocar sua bengala no gancho, e seguir a partir daí. Nós também vamos ao playground e ela adora bater nessa bateria de metal que temos. Com a audição que ela tem, ela realmente gosta disso.

[00:40:11] Meu tempo está se esgotando e vou procurar a apresentação em PowerPoint. Você terá isso e mesmo se não tivermos tempo suficiente para terminar, iremos e obter... OK... Aqui vamos nós.

[00:40:56] Uma das coisas principais que eu disse a vocês ao longo do caminho que nós - uma das coisas principais que eu estava dizendo a vocês sobre como isso é importante para trabalhar com crianças com surdocegueira não é apenas aprender as habilidades dos livros. Nós vamos aprender com a comunicação na orientação.

[00:41:22] Preparar-se para ensinar habilidades de orientação e mobilidade pode ser desafiador e muito emocionante. Além das habilidades dos livros didáticos é importante aprender e usar sistemas de comunicação e estratégias de comportamento e tudo isso ao trabalhar com crianças. Uma das principais coisas que você deve manter em mente é o relacionamento, a comunicação, os comportamentos, o movimento, os avisos e as modificações que você precisa fornecer aos alunos para que eles aprendam. Eu não posso deixar de enfatizar a importância da construção de relacionamento com seus alunos. Você não pode realmente trabalhar com eles e apenas retirá-los e fazer suas habilidades. Você tem que fazer parte de suas atividades e de sua rotina.

[00:42:20] A comunicação: Isso vai ser - é muito importante - para eles saberem o que vai acontecer antes e o que vai acontecer depois. Isso diminuirá a ansiedade e lhes ensinará a sequência da lição. A comunicação também os ajuda a interagir com o público, em conversas com os alunos em seu próprio meio. Se eles usam imagens, se eles usam símbolos, linguagem de sinais ou qualquer outro modo de comunicação que tenham. Como eu disse, você tem língua de sinais, símbolos táteis, símbolos de objetos, calendários, livros de comunicação. E um novo - não novo, mas um tipo de sistema realmente interessante é o háptico e o sistema Pró- Tatil que irei mostrar a vocês em alguns segundos. Algumas das coisas que são hápticas.

[00:43:13] São objetos ou símbolos táteis, calendários, que os alunos podem usar para representar sua atividade. E, há cartões com imagens os quais também podem ser usados - quando eles fizerem um pedido ou se comunicarem com qualquer outra pessoa. Há uma imagem do que eles querem fazer que diz: "Eu gostaria de pedir um hambúrguer, batata frita". Você também pode fazer cartões para quando eles vão comprar algo. Especificamente se eles tiverem que pedir - digamos que eles estão pedindo um pãozinho de canela na padaria - e eles disseram "Eu quero pedir um pãozinho de canela. Você tem? Sim ou não? Por favor, coloque meu dedo para sim e não." Porque às vezes, se você só falar que gostaria de um pãozinho de canela e eles não têm, a comunicação é interrompida. Como esse cartão a pessoa vai dizer a eles "Não, não temos isso." Então: "Coloque meu dedo para sim. Se não eu, escolho algo diferente." Eles precisam pagar. Eles podem apontar ou apontar o valor da conta. As lojas podem manter estes livros de comunicação, com desenhos diferentes ou cartões que podem utilizar.

[00:44:26] Esta é a parte háptica que quero mostrar a vocês. Comunicação Háptica é uma forma de comunicação para fornecer e / ou receber informações ambientais visuais, bem como feedback social por meio de sinais de toque no corpo. Vou mostrar a vocês um pequeno vídeo aqui que fala sobre - quero dizer, que mostrará a vocês o uso da Comunicação Háptica no corpo.

[00:45:09] Aqui vamos nós.

**Descrição de áudio** [00:45:25] Usando Comunicação Háptica em uma cafeteria. Uma jovem traz café e um saco de confeitar para uma mulher sentada à mesa. A menina usa a sensação tátil para informar à mulher onde ela colocou o café e os doces na mesa. O sinal para comida é feito, seguido pelo sinal direcional para a esquerda. A mulher pega seu doce. O sinal para beber. Em seguida, o sinal para o café é feito, seguido pelo sinal direcional para "à direita". A mulher estende a mão e pega seu café.

**Carolina Gonzalez [**00:46: 05] Esse foi o vídeo, vamos voltar ao PowerPoint. OK, isso foi um pequeno lapso. Vamos voltar ao PowerPoint e continuar com isso

[00:46:46] Tudo bem. Essa foi a Comunicação Háptica e é realmente uma maneira nova - uma maneira bastante nova, eu diria - de dar informações sobre o que está acontecendo no ambiente para a pessoa sem usar a linguagem de sinais das mãos. E também o Pró-Tatil que é muito semelhante ao háptico. Mas utiliza algumas peças da língua de sinais americana ASL- somado de sinais Pró-Tátil.

[00:47:25] Falamos sobre comportamentos e como é importante lidar com eles - aprender sobre comportamentos. Isso é uma forma de comunicação. Nunca leve para o lado pessoal.

[00:47:41] Movimento e como os alunos aprendem onde as coisas estão em seu ambiente quando vão procurar coisas e encontram coisas. Não devemos apenas trazer coisas para os alunos. Isso apenas tira toda a consciência de onde as coisas estão. Sempre que você puder, faça com que eles busquem coisas, encontrem coisas. Não apenas "Oh, eles querem algo" e então apenas trazer e colocar em suas mãos.

[00:48:10] Comandos: Quão importantes são os comandos. Tente usar a mão sobre a mão. Dê-lhes uma forma indiferente ao fornecer avisos. Se você fizer um comando ou tocar: "OK, vamos fazer isso" e apenas esperar por eles. Talvez eles precisem pensar sobre isso. Talvez eles precisem "OK, o que vai acontecer?" Se você continuar solicitando torna-se uma espécie condicionamento. "Eu faço isso, você faz aquilo. Eu faço isso, você faz aquilo." Portanto, dê tempo suficiente para o aluno processar. Se eles tiverem que usar menos comandos, isso aumentará sua independência.

[00:48:48] Adaptações: Nós conversamos sobre como a bengala. Você pode ter uma bengala um pouco mais curta. Como segurar a garra. Eles podem segurá-la não especificamente com um dedo apontando, mas pode ser como uma mão agarrando completamente. O uso de dispositivos de mobilidade adaptáveis. Cruzamentos de ruas: Às vezes, eles são tão avançados que necessitam usar um cartão para atravessar a rua, se eles estiverem na comunidade. A digitalização visual é crucial para os alunos que estão usando e que são mais independentes. Aulas noturnas são realmente cruciais para alunos com Síndrome de Usher. Talvez você possa usar vendas nos olhos se permitirem - se for apropriado para o aluno usar para aprender mais sobre como usar a bengala. Este é um cartão para cruzamentos de rua desenvolvido pelo Centro Nacional Helen Keller que a pessoa segurará em um cruzamento para obter ajuda. "Por favor, me ajude a atravessar a rua. Toque-me se puder ajudar. Sou surdocego." E este, é de alguém que a tornou mais parecida com uma impressão maior, com destaque.

[00:50:06] Uso de lanternas para alunos com retinite pigmentosa ou Síndrome de Usher para que possam ser uma boa ajuda à noite. Tente usar lanternas com feixe alto e largo. Como se abrisse, como você pode mover a frente do foco da lanterna para ampliar o feixe e ver mais.

[00:50:33] Uso de intérpretes e interventores. O intérprete é um profissional treinado para dizer o que a pessoa fala. E há interventores, onde há uma parte mais educacional. Ele explica não realmente o que a pessoa está dizendo, mas também o que está acontecendo ao redor dela. Há os prestadores de Serviço de Suporte SSP que são mais para adultos. Farão mais um atendimento na comunidade no dia a dia e interpretarão para eles.

[00:51:08] Se você usar intérpretes ou interventores, certifique-se de que o intérprete é um intérprete certificado. E que o aluno provavelmente - os interventores familiares - os interventores também podem ajudar nas aulas de O&M se necessário. Eu realmente recomendo que se você for ensinar alunos com surdocegueira, você deve aprender a linguagem de sinais ou a maneira como eles se comunicam. Se usar intérpretes, certifique-se de encontrá-los antes da aula para que possam conversar sobre no que exatamente isso vai implicar. A posição dos intérpretes é crucial. Eles não querem que o intérprete bloqueie algo que o aluno precisa fazer. Se estiverem atravessando uma rua, por exemplo. Eles podem precisar de intervalos se for uma longa lição, ou podem precisar de dois intérpretes se for realmente importante.

[00:52:06] Acima de tudo: feliz ensino. Acho que estou ficando sem tempo. Sintam-se à vontade para me enviar um e-mail se tiverem perguntas ou comentários, e algo que possamos fazer. Marque pequenas reuniões, se quiser. E que tenham prazer em ensinar. Espero que vocês possam ter aprendido algumas coisas boas nesta sessão e cuidem-se.